

## **A INVISIBILIDADE DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO: A QUESTÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Eixo Temático: Educação e diversidade

Forma de Apresentação: **RELATO DE VIVÊNCIA**

Tatiane Lourdes de Paiva Oliveira<sup>1</sup>

Patrícia Neumann<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O objetivo deste texto é discutir a necessidade da formação profissional na educação para a identificação e o atendimento das altas habilidades/superdotação (AH/SD). O método foi a análise do discurso de um relato de vivência de uma adulta com AH/SD. Os resultados demonstram que a invisibilidade das AH/SD decorre da falta de formação profissional para a identificação e o conseqüente atendimento, e que a falta de atendimento especializado é um fator gerador de vulnerabilidade socioemocional. Considera-se que as AH/SD representam condição desenvolvimental complexa e multidimensional, não se restringindo ao quociente intelectual ou a transtornos.

**Palavras-chave:** 1. Altas habilidades/superdotação. 2. Educação. 3. Formação Profissional.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho visa defender, por meio de um relato de vivência, a necessidade da formação de profissionais da educação para atender o público com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Condição vista, para muitos, como um tipo de privilégio e, como se estas pessoas não necessitassem de acompanhamento especializado. Consideramos tal visão equivocada, tendo em vista que pessoas com AH/SD são, muitas vezes, invisíveis dentro da sociedade e do meio educacional, mal interpretadas, mal compreendidas e/ou diagnosticadas com o que não corresponde a sua real condição. Além disso, é comum a falta de olhar de profissionais para aqueles que mostram altos níveis de capacidade e talentos acima da média em qualquer área.

Há diferentes definições do que sejam as AH/SD. Para Renzulli (2004), superdotação é um fenômeno desenvolvimental que se mostra através da interação entre três grupos de traços, sendo eles as capacidades gerais acima da média, os elevados níveis de comprometimento com a tarefa e os elevados níveis de criatividade. A mútua interação desses grupos junto às influências do meio social produz o que se entende por comportamentos de superdotação. Outra definição é a de Silverman (2010), em que superdotação é um desenvolvimento assíncrono, no qual habilidades cognitivas avançadas e intensidade aumentada se combinam para criar experiências internas e consciência que são qualitativamente diferentes do padrão. Essa assincronia aumenta conforme for a capacidade intelectual.

### **2 METODOLOGIA**

A metodologia foi a análise do relato de experiência de uma adulta com AH/SD. Ela tem 35 anos e é professora. Para preservar sua identidade, utilizamos a letra T. Esta forma

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Especialista em Educação Especial e Inclusiva e Coordenação Pedagógica. Tutora do curso de Pedagogia do IF Sul de Minas.

<sup>2</sup> Psicóloga. Licenciada em Filosofia. Mestra em Educação.

de tratamento pela letra T. foi escolhido por ela.

### 3 RESULTADO

Desde 1989, com 4 anos, eu sabia que era diferente. Quando fui matriculada na educação infantil, já sabia ler fluentemente. Certo dia, falei para a professora que sabia ler e ela pediu pra eu ler em frente de todos, mas não consegui. Senti-me bloqueada naquele momento. Dali em diante, mantive-me cada vez mais introspectiva por conta da timidez e dificuldade em mostrar sentimentos. Relacionava-me bem com os colegas considerados “excluídos”. Minha mãe já havia mencionado que eu era superdotada, pelas coisas incríveis que fazia na tenra idade. Recordo-me, com dois anos, no seu colo dentro do ônibus, de identificar as letras da mamadeira. Comecei a ler durante uma consulta médica e uma enfermeira me levou a um médico que fez alguns testes em mim e a superdotação foi evidenciada. Mesmo sabendo dessa condição, minha família não buscou atendimento especializado, embora fui bastante estimulada na área de artes e música.

Sentia-me só no meio da multidão, mesmo cercada de irmãos mais velhos, pois conseguia fazer tarefas com muita agilidade e facilidade de aprendizado, ajudava no que era preciso. Meu comportamento na escola era exemplar, embora não tivesse as melhores notas, havia disciplinas que encontrava dificuldade pela forma tradicional do professor ensinar. Me destacava muito na parte criativa, motora e na grande facilidade de aprendizado, mas em casa apresentava agressão verbal, por conta de tanta cobrança e escassez de afeto e compreensão. Brincava sozinha, era imaginativa, desenhava, adorava ler enciclopédias e dicionários. Era incrível como aprendia e memorizava rapidamente qualquer coisa. Só que todo esse talento muitas vezes incomodava os outros que, por diversas vezes, me fizeram sentir inferior e isso me machucava.

Na escolarização, nenhum profissional percebeu tal condição da educação infantil até o ensino superior. Muitos me interpretavam de forma errônea por conta de querer mostrar meus talentos. Foi considerada insuportável, arrogante e detentora de muito conhecimento, mas apenas estava fazendo isso a fim de receber algum tipo de reconhecimento e ter a sensação de pertencimento. De certa forma, estava tentando pedir ajuda.

### 4 DISCUSSÃO

O discurso de T. aponta para diversas problemáticas relevantes no tocante à formação profissional para o atendimento de pessoas com AH/SD, a qual consideramos fundamental. De acordo com a Lei nº 9394/96, são previstas possibilidades educativas a serem desenvolvidas por professoras(es) especializadas(os) nas escolas, mas, na realidade, isso nem sempre acontece.

Tal situação é apontada por T. quando nos traz que nenhum profissional a notou e que não recebeu atendimento para desenvolver seu potencial. Sua trajetória foi construída por ela mesma, sem apoio. Ela nos conta que não tirava as melhores notas e que teve dificuldades associada à metodologia de ensino que ela chama de tradicional, o que nos remete às aulas expositivas, sem outros recursos didáticos. Essa fala desconstrói um dos grandes mitos das AH/SD, de que a pessoa superdotada tira nota 10 em tudo (RECH e FREITAS, 2005). Winner (1998) afirma que existem muitos professores despreparados para identificar e atender AH/SD. Muitas vezes, esses estudantes são considerados “alunos problema”. Ou, em grande parte, ficam invisíveis na escola, como foi o caso de T. e, em muitos casos, também na família.

Acordamos com Pérez e Freitas (2011) que consideram que a invisibilidade das AH/SD é um problema a resolver. Erroneamente, ainda se acredita que estudantes com AH/SD não precisam de ajuda porque são muito inteligentes. Trata-se de um equívoco gerado pela falta de conhecimento e informação mediante essa condição. Pessoas com AH/SD são parte do público da Educação Especial e necessitam de atendimento

educacional especializado. Quando suas necessidades não são atendidas, podem ter diversos prejuízos. O relato de T. nos traz sentimentos de solidão, incompreensão e inferiorização, de não reconhecimento social e, conseqüentemente, de não pertencimento. Todos esses elementos colocam a pessoa com AH/SD em vulnerabilidade que pode perdurar na vida adulta. Vulnerabilidade tal amplamente estudada por Silverman (2010), que afirma que a singularidade das pessoas superdotadas as torna particularmente vulneráveis e requer modificações na parentalidade, na educação e no atendimento para que possam se desenvolver.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que muito ainda precisa ser feito quanto à formação profissional para atendimento de pessoas com AH/SD. Ainda é comum considerar que AH/SD se resume a coeficiente intelectual (QI) muito superior ou representa algum tipo de transtorno. Trata-se de uma condição desenvolvimental complexa e multidimensional observada em pessoas que necessitam de atendimento educacional especializado (AEE) desde os primeiros anos escolares até a vida adulta. Notamos no relato de T. várias conseqüências socioemocionais negativas relacionadas ao desconhecimento de sua condição pela família e escola, bem como sua necessidade de ajuda.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 6 de julho de 2020.

PÉREZ, Susana G. P. B.; FREITAS, Soraia N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com altas habilidades/superdotação na educação básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n.41, p.109-124, 2011.

RECH, Andréia J.D.; FREITAS, Soraia N.. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.11, n.2, pp. 295-314, 2005.

RENZULLI, Joseph. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, v. XXVII, n. 52, 2004, pp. 75-131.

SILVERMAN, Linda K. Asynchrony. In: KERR, B.; WELLS, B. (Orgs) **The encyclopedia of giftedness, creativity and talent.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2010, pp. 67-70.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: mitos e realidades.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.